



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 11 de Julho de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 974 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

16 de Julho

O Amor — só o Amor — rebentou os diques e o povo veio em multidão — como correntes — e depois, um mar junto da igreja da Trindade... para o último adeus. Faz 25 anos.

Não há palavras!

Todos nos sentimos tão gratos, tão cheios de amor e admiração — perante o que foi e o que é o Pai Américo:

Na sua Obra!

Na sua Morte!

No grão de trigo que morreu para dar fruto abundante! Na grande seara — seus rapazes espalhados pelo mundo!

Nos seus livros — apóstolos deste tempo!

Graças ao Senhor pelas suas maravilhas.

Para vivermos intensamente os 25 anos da sua Morte, vamos ouvir os seus filhos:

● Falar de Pai Américo, sucintamente, não é fácil. O coração transborda!

Perfil multifacetado, perdemos-nos a recordar vivências... actualíssimas!

— «Depois d'eu morrer é que vai ser...!»

Causticado pela orfandade e sem saber como viera parar a suas mãos, a Coimbra, estou a vê-lo sobre o Mondego dos poetas e doutores, olhos nos meus olhos, enxugando lágrimas, ouvindo lamentações, esclarecendo a nossa mudança, carinhosamente. Recepção de Pai, marca-nos para todo o sempre!

Jamais houve barreiras entre nós. Foi um crescendo de sintonia, admiração, respeito, amizade.

Homem de Pedagogia prática, «sem diplomas» como afirma irónicamente, transformou almas sem inquisição — pelo muito respeito à Liberdade de cada um; aquela Liberdade que dimana do próprio Deus e que viveu plenamente.

Em momentos de grandes opções, cabeça fria e muita serenidade, que dizer do seu comportamento, das suas reacções?! Factos que marcam, formam o carácter — ajudam-nos a ser Homens.

Estou a vê-lo em uma dessas ocasiões: ambos d'olhos humedecidos, alheios à multidão, apertados em forte abraço: — «Tu és meu Amigo...!»

Sim; atento aos problemas, com aquela segurança que a tarimba da vida amadurece, ora cimentada na Graça de estado.

Estou a vê-lo com os olhos da alma na sacada do escritório, em hora transcendente,

apreciando a beleza da nossa Aldeia de Paço de Sousa, quando formula pergunta de resposta imediata:

— Ó Júlio, fui eu que fiz isto...?!

— Não senhor! É Obra de Deus.

— Não digas mais, já disteste tudo...!

E afaga-nos em seus braços de Pai, com um sorriso aberto.

Estou a vê-lo fora de portas, junto dos nossos Amigos — os Pobres. Se ele sabia de cor o número de escadas dos hotéis do Barredo!

— «Anda devagar! Agora são x degraus e páras. Vem atrás de mim; tem cuidado...!»

Após a peregrinação pelos antros de Miséria, eram desabafos rua fora. Ouvi discretamente, sem comentar — delicioso.

Estou a vê-lo em dias felizes, na arrancada do Património dos Pobres e inauguração de moradias! Enquanto todo o mundo tecia hossanas, ele cerra os olhos humildemente, firme no meio da multidão. E no uso da palavra — que Palavra! — o Espírito Santo desce em línguas de Fogo; Justiça de Deus, Evangelho do Pobre a calar fundo nas almas que precisam (têm obrigação) de colocar o Pobre no lugar a que tem direito.

Estou a vê-lo em África onde trabalhou como leigo, como o comum dos mortais, e formou sua personalidade; agora, «Padre sem ouro nem prata», leva no espírito uma Mensagem de Amor, de promoção social: o Património dos Pobres. Como as igrejas transbordavam, as salas de colectividades tam-

bém, houve que falar por fim em recintos desportivos. Multidões sedentas do Mandamento Novo! Gente de todos os credos, sem distinção: cristãos, judeus, maometanos, indús... Ecumenismo a Céu aberto!

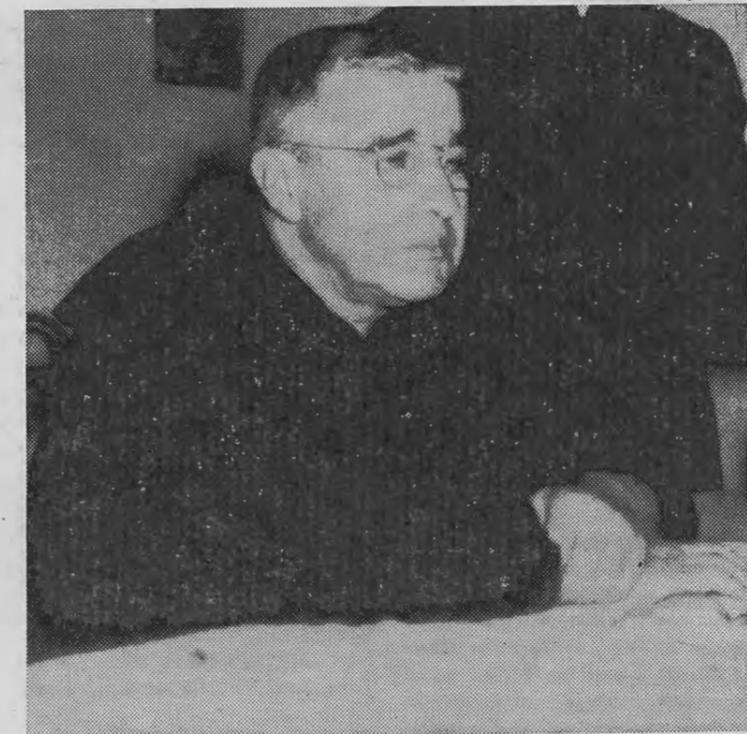
... Por aqui ficamos em travagem brusca!

Vinte e cinco anos depois, saudemos a Eternidade que o Senhor lhe reservou — no Seio do Pai Celeste. — Júlio Mendes

● Escrever alguma coisa sobre Pai Américo, para mim foi sempre difícil. Creio que, se conseguisse tirar cá de dentro do peito como foi a vida com Pai Américo, não haveria papel que chegasse!

Sim, fui eu que lhe dei esse nome, o nome de Pai Américo; ainda criança, claro, em Miranda do Corvo. E só isto bastaria para que não o esquecesse. Mas fico triste, com 41 anos de Obra não conseguir escrever algo sobre uma pessoa que foi mais do que Pai; que tudo fez por mim, pois não conhecia mais nenhum neste mundo! E dou graças a Deus, pois se ele não aparecesse eu não estaria vivo...

Recordo, com saudade, ainda criança, em Miranda do Corvo e depois em Paço de Sousa,



o carinho com que ele mais a D. Sara, que o Senhor também já chamou, nos beijavam todas as noites. Para mim era o Pão do Céu que nos davam através do beijo. Oh saudades!

No 25.º aniversário da sua morte terrena — pois está no Céu — terei grande alegria de estar mais perto dele na Capela, em Paço de Sousa, no próximo dia 19, para orar e pedir por todos os filhos que deixou cá na terra. Fracos, sim, mas com um olhar no Caminho do Céu. Ele, como Pai,

sempre nos dissera: mesmo que a Obra da Rua salvasse apenas um rapaz já não seriam vãs as Casas do Gaiato — Manuel dos Santos

● A 16 de Julho faz 25 anos que Pai Américo nos deixou, humanamente, já que espiritualmente continua conosco e a orientar os Padres da Rua a engrandecer a sua Obra imortal!

Parece que foi ontem! Assisti na capela do Hospi-

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

«Aquilo que a gente aqui prega não é de efeitos imediatos. Não pode ser. Mais tarde. A memória guarda e o espírito, em qualquer altura, vivifica.» (Pai Américo)

Quando este número de O GALATO sair estaremos a pouco menos de uma semana do 25.º aniversário da Morte de Pai Américo. Convém, pois, uma palavrinha a propósito de tal data e, se nos é permitido, não se escandalizem com uma ou outra referência à nossa «ilustre pessoa», já que dos fracos não reza a história...

Por volta de 1955-56 estava no auge o problema da nossa vocação, vivido com ansiedade e a que não faltava um misto de sofrimento e de paz interiores, como é próprio dos períodos que antecedem as grandes decisões da vida. O

período de gestação duma vocação nem sempre é fácil e pacífico e, dum modo geral, não aparece à moda da estrada de Damasco. Cada caso tem a sua história, que não se compadece com estereótipos ou canones previamente articulados.

Conhecéramos Pai Américo em Coimbra, ora pelo que ouvíamos dizer de um «certo» Sacerdote ou por o termos escutado um dia na Sé Nova ou visto deambulando pelas ruas da cidade, de batina e capa. Foi em Lisboa, porém, que o passámos a conhecer melhor, através de O GALATO e de

alguns dos seus livros, cuja leitura fortemente nos impressionava, pelo tom vigoroso e directo da sua linguagem, a ponto de nos surpreendermos a rir em voz alta ou, sem darmos conta, com as lágrimas a aflorar aos olhos. Em 1955 ou 56, salvo erro, ouvimos Pai Américo numa «charla» desconcertante de 5 minutos, na velha Sociedade de Geografia. Era a altura de nos vermos chamados ao Sacerdócio e de encarmosmos o como e o onde da sua realização.

Animados pela vida vicenti-

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

BALANÇO SEMESTRAL — Já vamos ao meio do ano 1981 e por aqui houve muito movimento, sempre em ocupações, muitas agitações. Este meio ano foi cheio. Aonde estão os nossos fins-de-semana? Quem os passou descansados aqui em Casa?...

Começámos por festejar a passagem do ano, em 1 de Janeiro de 81; em seguida veio o domingo dos Reis Magos e apareceram os Amigos de Coimbra a conviver connosco. Não se esquecem de nós, todos os anos. Depois saiu-nos o ano lectivo. Os rapazes começaram por festejar os seus aniversários e do sr. Padre Horácio; logo em seguida, para refrescar, veio de Coimbra, todo pimpão, um dos nossos rapazes e amigos com a sua música do Tóvím.

As Festas começaram por ser uma inquietação e, entretanto, surgem as férias do Carnaval, onde alguns dos nossos participam num retiro espiritual, em Coimbra.

Depois começaram os preparativos das Festas e os peditórios em Coimbra.

Ainda nas férias houve um grupinho dos mais novos que se juntou num Retiro em Coimbra e o resto dos rapazes também fizeram a sua limpeza espiritual, para que a festa pascal fosse bem unida a Cristo. Não só os preparativos da Páscoa, mas o tratar da vinha, das árvores, o semear a batata, limpeza da casa e mexer um pouco a bola nas horas vagas.

Quando chegou o dia da Ressurreição do Senhor o nosso Martins e a Laura uniram-se no Matrimónio para uma vida nova. Foi um dia alegre, nem pudemos tocar na bola; um dia cheio de festa.

No Domingo de Pascoela o nosso Domingos batizou o seu filho, que se uniu à família de Deus; outro dia carregado de festa, também com as boas-festas.

Todos os fins-de-semana ocupados! Mais 16 dos nossos fizeram a 1.ª Comunhão — outro dia de festa. Mas quando é que há alívio? Agora precisamos de um descanso e, é isso, as férias estão-nos a bater à porta, o ano escolar a terminar, os fins-de-semana mais livres e toca a respirar um pouco mais levezinho.

Agradecemos ao Senhor pelo fruto do nosso trabalho. E assim vamos descansar um pouco, mas o trabalho continua.

FESTAS — Flores, beijos, abraços, sorrisos, palavras, carinhos, amor. As Festas não deixaram de ser o nosso desejo que sempre tanto desejamos.

Começámos por abrir o pano em casa — Miranda do Corvo — e fechámos-lo em Mealhada. Começámos com alegria e acabámos com alegria. Mas as Festas não acabam nem começam; continuam sempre num ciclo onde há Mensagem de amor que pretendemos levar a cada lugar; e receber sorrisos, beijos, abraços, palmas sem fim, flores. Pretendemos sempre ir acordar o povo de Deus que se deixa adormecer debaixo do sol e ser levado pela corrente do rio poluído.

Não somos artistas profissionais; sim, animadores e libertadores do

amor que está preso no coração do povo ou de cada pessoa. Quando passamos em cada terra, cada povo é diferente: uns frios, outros mais quentes; nota-se que em cada lugar procuram algo que os acorde, que lhes ponha o despertador a tocar.

A Mensagem que captei das nossas Festas foi toda ela de destruir o Muro da sociedade do passado, de hoje, de amanhã.

Cada ano nós desejamos ir sempre com o saco cheio de pão, seja ele de amostra com bolor; mas vamos e mostramos, partilhando do nosso pão e que seja bem mastigado e ensalivado para que se transforme e se vá introduzir nas células da sociedade.

AIDEUS... — Antes de começar a nossa caminhada pelo centro do País, disse adeus à venda do nosso Jornal e as minhas saudades ficaram no coração, dos mimos e catinhos de pessoas com quem me encontrava a partilhar a nossa Mensagem. Foi um adeus, de alívio para mim, mas o meu egoísmo queria mais miminhos dos encontros partilhados!...

Pois bem, acabei a tarefa que tinha de realizar. O trabalho começa a ser duro quando nos mentalizamos pelo suor do nosso rosto.

A minha pasta foi passada ao Manuel que, agora, com o seu sorriso branquinho e olhos arregalados, vai dando conta.

Quero despedir-me, em especial de todas as pessoas que me deram mimos e também dos leitores do nosso Jornal. Jamais esquecerei a amizade, o amor e carinho que me prestaram. Obrigado. E felicidades.

Guido

Setúbal

OBRAS — Já não falo delas há muito!

Estou a escrever da sala-de-espera dum consultório. Deixei o Raimundo com o Augusto a acabar o forro do sótão da casa dois. Passei pela oficina e deixei o Bernardo a preparar a madeira prós tacos. São grades de caixotes que à primeira vista só prò forno serviam. Nós aproveitamos. Somos um pouco trapeiros.

Os acabamentos têm sido um pouco morosos. Eles têm sido um sorvedouro dos tostões que nos vêm ter às mãos. Não queremos desanimar e não podemos furtar-nos às necessidades que temos de conforto prós nossos. Queremos que eles se esqueçam das pocilgas de onde alguns saíram...

S. O. S. — É necessário que eles tenham uma mãe. É a maior necessidade em nossa Casa. Uma senhora que sinta o arfar maternal e o distribua pelos mais carecidos, principalmente pelo grupo dos «Batatinhas» — as formiguinhas...

Tu viste-os nos palcos. Viste também a cigarra que cantava e juntava o seu canto ao vai-vem dessas formigas. Essa cigarra é o Marcolino que tem sido a «mãe» dos nossos mais pequeninos. Ele deita-os, le-

vanta-os, ensina-os, dá-lhes banho... Mas não pode dar aquilo que só a mãe é capaz. Ele próprio tem sede do bafo dela! Eu insisto e não descanso de pedir uma mãe prós nossos pequeninos. Uma missão muito espinhosa. Não é fácil o dia-a-dia. É preciso muita disponibilidade, muita dedicação, muito espírito de Pobreza. Servir a Cristo nestes pequeninos, é uma certeza. E ele há quem jure dar a vida por Ele! Pois aqui O tens bem vivo, bem palpável. Esperamos que te decidas. Quando deres tal passo, não duvides que encontras a Cristo nos homens.

BATATAS — Um grupo deles tem andado a colher a batata. Com o calor que tem feito, é coisa que requer muito esforço. Mas é preciso. Também nós somos um formigueiro onde eles semeiam, tratam e colhem. É um gosto que eles não de saborear quando na vida forem integrados. Eles vão preparados para avaliar as dificuldades. É a escola: Comer o pão com o suor do seu rosto. Eis o milagre das Casas do Gaiato.

PISCINA — É a delícia de todos eles. Depois dum dia escaldante, sabe bem a frescura duns mergulhos. Este ano foi pintada, de novo, por eles, com a orientação do sr. Tomé. É a coisa que melhor os seduz: comer do que semeiam, deitarem-se na cama que fazem.

Aproveito a oportunidade para dizer que precisamos de calções de banho para todas as idades. Vem aí a praia, o descanso merecido, mais a carência de iodo.

FESTAS — Um pequenino balanço delas: Depois de Setúbal, Quinta do Anjo e Palmela, já tradicionais, fizemo-nos um pouco de saltimbancos e fomos a Vendas Novas — onde sr. Padre Zé Maria deseja que nunca faltemos — Amora, Évora, Pinhal Novo e Samouco.

Em todo o lado encontramos Amigos, calor e carinho.

Nós queremos que todos compreendam que as nossas Festas não são festinhas de beneficência. Sim, uma mensagem que queremos levar a cada um. Desejamos que cada terra sinta o que são os gaiatos e avaliem o que eles eram e do que são capazes com o amor dos homens. Alguns como que desabrocham com as Festas! Nós que estamos do lado de dentro sabemos bem do valor de cada um. Bem mereceram os aplausos, estes rapazes. Nós queremos dar testemunho do que são as Casas do Gaiato. Que haja, em cada terra, gente como o senhor do Samouco, que quis, a todo o custo, que as gentes da sua localidade vissem os Gaiatos. Bem hajam todos.

Ernesto Pinto

Paço de Sousa

AGRADECIMENTO — Os homens, em geral, são diferentes do homem em particular. Se por um lado eles se destroem, se desconhecem, por outro o indivíduo lança-se na tarefa de

melhor servir quem o cerca ou com ele convive.

Quando num dos números anteriores relatei o caso do sr. Pereira, não pensei na diferença entre o individual e o colectivo! Acontece que um Amigo acudiu com o montante que sr. Pereira necessitaria. Pena é que não possamos fazer-lhe chegar a importância, porquanto dele apenas me ficou o nome e a história!

Contudo, gestos destes merecem um agradecimento.

Morgado

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O dia foi prà romaria! Subimos montes. Atravessámos campos verdejantes. Ouvimos o cantar dos passarinhos. Gheirámos flores. Deleitámo-nos com a pujança da Natureza. E chorámos a desdita dos Pobres... Fomos por eles!

No topo da colina, dantes floresta, mora uma Viúva. Já são tantas as moradias por lá, que nos perdemos!

— É ali...

Estava no seu posto, mai-los filhos, em grande barreira no lavadouro.

— V. por aqui?!

— ...

— Inda não veio resposta da Caixa. Isto é por demais!...

Confortamos. Não lhes falta, porém, há mais de um ano, o mínimo indispensável que deveria ser da CNIP — mas é dos nossos leitores!

Mais abaixo topamos um homem que fora motorista de um serviço de assistência social dependente do antigo Ministério do Interior. Doença oftálmica obriga-o a largar o volante e regressa de lá sem cheta. Incongruências oficiais!

Insistimos, de há uns anos a esta parte, no Montepio dos Servidores do Estado — e nada. «Nem recado nem resposta!» — comenta o homem, no meio de um sorriso d'alma simples, próprio do comum dos mortais sem-voz, a leste de multidões... contestatárias.

No mundo dos responsáveis bem pagos com o dinheiro dos portugueses, para servir o cidadão, continua a não haver quem desça para subir?! — na opinião de Pai Américo. Isto é, quem faça Justiça ao rés-do-chão, agora? — como ele diz também. Que o serviço dos Pobres é agora e não logo ou amanhã...

Lamentável, sublinhamos, que um Trabalhador de serviços oficiais — invocando, nesta fase, legislação recente para casos que sofrem omissões de longa data — continue a ser discriminado, sem resposta que lhe é devida por lei!

— Eu cada vez vejo menos...! Foi bom ter chamado por mim; de contrário não o reconhecia...

O mundo passa. São horas de Missa. Os cristãos celebram a última Ceia que dá Força aos pecadores — e obriga a caminhar por mor dos Outros: «Ide por toda a parte...» Junto de nós um Crucificado; ima-

gem d'Aquele que sofreu por todos — para nos salvar.

Perto, há um riacho coberto de frondosa copa d'árvores. Apetece estar ali, fora do bulício, em horas de canícula!

— Vamos esperar mais uns dias a ver se eles acordam. E perdoe o trabalho... Adeus! Preciso d'ir ali chamar alguém q'ajude a sulfatar prà semana...

Ainda não perdeu a esperança!

Continuamos a peregrinação. Agora é uma família numerosa cujo chefe houve que ser hospitalizado. A mulher dobava. Quadro perdido nos tempos!

— Se não fosse isto, q'havia de ser de nós?!

Não recebe justa paga, evidentemente, que pelas leis do mercado é forma de superar a concorrência de sofisticados monstros da tecnologia e não só — em crise. Mas isso é problema que nos transcende, apesar de grave para a economia do País como para o ganha-pão de milhares de famílias.

Ao lado mora se Zé, santo homem cuja vivência espiritual é repucho que nos refresca — 91 anos d'alma viva. Porém, «a cabeça já esquece muita coisa!»

Uma rápida olhadela pela secura em redor das moradias é motivo prà mulher se queixar, amargamente, já que os poços adjacentes, do domínio público, servem outros — em lugares distantes!

— Era uma bomba de mão, mas ninguém quer saber de nós porque somos só três famílias!

— A obra não é cara...

— Sabe com'ê q'a gente governa a água? Com'ò azeite: às gotas. Temos d'ir à cata dela pelos vizinhos, de chapéu na mão, como quem anda a pedir esmola!

Os chamados representantes do povo, como é óbvio, discriminam os Pobres; com a agravante de que as moradias são parte integrante de uma Obra de interesse comunitário — o Património dos Pobres — que, em boa parte, supre há 30 anos o que compete às entidades oficiais... Não chegaria para se fazer justiça!?

PARTILHA — De Belazaima 500\$00: «Assim quero agradecer ao Senhor a inteligência que deu aos meus filhos e pedir-vos que os lembreis em vossas orações». Escrita pela Mãe, toda a carta é Fogo!

Visitante assídua, 300\$00. Venha sempre! E Deus lhe pague toda a Amizade.

Casal-assinante 17022, presente. «Uma portuense qualquer» com «a micalhina relativa ao mês de Maio». Assinante 8492, vítima de um fracasso (ficou sem a carteira), recompôs as finanças — «com a ajuda de Deus estão melhores» — e manda «a lembrança do costume». Ainda do Porto, 200\$00 da assinante 19177 e «até ao mês que vem se Deus quiser». «Por uma dívida que não foi paga», 1.000\$00 para «uma ou duas pessoas necessitadas». «Uma Amiga», também da Invicta, 200\$00. Finalmente, 300\$00 de Santarém — presença muito assídua.

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

PARTILHANDO

Uma vez ou outra os Amigos que nos mandam suas ofertas perguntam se recebemos. Estamos certos que tudo cá vem ter, mas faz-nos bem recordar. Recordar o bem que devemos fazer bem feito. Muitas vezes temos de nos vergar diante da confiança que põem em nós. Esta confiança faz-nos andar. Andar com as nossas limitações. Bendito seja Deus.

Hoje, grande parte do dia, a nossa Casa esteve cheia de crianças de colégio infantil da Figueira da Foz. Trouxeram-nos muitas lembranças e muitas perguntas cheias de ternura. A Palavra de Deus mais viva se tornou: «O copo de água oferecido a um mais pequeno é a Mim».

Bendito seja Deus em todas as Suas obras. E as obras boas dos homens refletem a bondade de Deus. Eis boas obras dos homens: cheque de Amigo que passou; a visita de alunos do Colégio S. Teotónio, de Coimbra, com lembranças e 1.201\$50; cotas mensais de cem; 50\$ mais 500\$ mais 300\$ mais 3.000\$ levados ao nosso Lar; cheque da Covilhã, pelos 60 anos; vale de Lisboa; 500\$ mais 100\$ mais 1.000\$ mais 12.000\$ mais 2.000\$ mais 1.000\$ mais 840\$ mais 1.000\$ e muitos embrulhos na Casa do Castelo; 1.000\$ em casa de quem me deu almoço; 100\$ dados muitas vezes, por Amigo, depois de me tratar os dentes; oferta por alma de dois Amigos; vale de Barcelos; 300\$ em vale de Coimbra e 500\$ em cheque; 500\$, 200\$ e 500\$ de visitantes.

«Uma mãe da Sertã» com 4.000\$ — 1.º mês da pensão de invalidez; cheque levado ao Lar; 2.000\$ em casa de família amiga, na Figueira da Foz; 2.500\$ em Aveiro; 1.000\$, mais 250\$ da Lousã, a lembrar familiar; 1.000\$ em reunião de cristãos; 1.500\$ de Senhora vizinha, que Deus chamou; 1.500\$ de «Saudosos de Coimbra», agora a viver em Odivelas. «Coimbra tem mais encanto...!» 100\$ em carta; 500\$ em Santa Cruz; 200\$ de anónima da Sertã; 5.000\$ em Santa Cruz, pela irmã; 6.000\$ em Miranda, pelo marido; vale de Coimbra; 500\$ em carta de Brasfemes; 500\$ à porta de Santa Cruz e 100\$ lá dentro; vale do Luso; cheque da Mealhada; 1.000\$ à mesa; 1.000\$ de promessa.

Quinhentos de anónima de Cantanhede; cheque de Coimbra, pelo bem da família; vales «duma figueirense» em Coimbra; cota anual; 200\$ em carta de Lisboa; 4.000\$ de freguesia do Joãozinho; cartas a vendedor, à porta dos Padres Franciscanos; mil de Senhora da Lousã; Senhora Professora vizinha que vem muitas vezes; 1.000\$ em vale, de Amigo de Lisboa; 1.000\$ em vale, da Figueira da Foz; Amigo que foi muitos anos na Covilhã, agora continua a aparecer ainda com mais carinho. Com os filhos e os netos, os gaiatos são as me-

ninas dos seus olhos e está muito no coração e na alma de todos nós.

Quinhentos e 1.500\$ de Castelo Branco; 500\$ pelo vendedor de Tomar; 1.000\$ a vendedor de Coimbra; 500\$ de Vidais; 1.000\$ pelo Pároco da Sé Nova; 410\$ de grupo escolar da Palmeira; vales de Vilar Formoso; 500\$ e muitos mimos na minha aldeia; 1.000\$ e mais 500\$ entregues ao Toninho; 6.000\$ que agora são, contando o grande Amigo que Deus levou. Temos muitas saudades dele: era o «nosso Engenheiro». A mão muitas vezes aberta de Sacerdote da Lousã; cheques de bom Amigo de Cebolais de Cima; 3.000\$ à porta da Sé Nova; 1.000\$ de reformado; 20.000\$ do Secretariado das Agências Funerárias de Coimbra; a partilha dos netinhos de Mação; 250\$ em vale de Leiria; 200\$ em vale, da Madalena; 500\$ a recordar o João Jorge.

Cheque de velha Amiga de Castelo Branco; cheque «oferta da celebração penitencial» de Aguda; 600\$ e amêndoas, dos Trabalhadores das Telecomunicações de Coimbra; cheque na igreja da Figueira e duas notas de 1.000\$; cheque «de re-

núncias das crianças» de Unhais da Serra; ofertas pela Mãe Ana da Covilhã; 3.000\$ no Fundão; mão estendida em Castelo Branco; 500\$ da Auto-Industrial; ofertas além da Festa em Tomar; cheques de Meães do Campo; cheque da Miderâmica de Coimbra; a lembrança de «Professora-mãe dos nossos» — nos 76 anos; cheque de electricista em barco bacalhheiro de Aveiro. Um grande abraço de todos nós, Rui. Cheque de 500\$ do Porto; grupo da Quinta do Anjo que encheu nossa Casa de vida sã e amiga; 1.823\$ de grupos da Figueira; 9.500\$ dos alunos do 11.º ano da Escola Secundária do Fundão; 1.000\$ do 1.º ordenado, de Figueiró dos Vinhos; cheque de Mãe sempre muito amiga, de Leiria.

Cheque de Monte Formoso; carta de Senhora do Tribunal da Covilhã; 6.410\$ e a visita de grupos de Castelo Branco; 2.283\$ da Escola Primária de Salgueiro do Campo. As ofertas das crianças são para nós as mais saborosas. E tudo o que entregam na Casa do Castelo, no nosso Lar, em nossa Casa. Bendito seja Deus.

Padre Horácio

FÉRIAS

Quando este jornal vir a luz neste «Jardim florido», o Povoinho infantil, adolescente e jovem que frequenta o Ensino Primário, Preparatório e Secundário, está gozando suas férias grandes — grandíssimas, enormes! Muitos já nelas escorregam desde o passado 7 de Junho. Uma alegria!

Como desde há anos o princípio de cada ano lectivo é tão atribulado que, ou as aulas abrem lá pelo Outubro adiante ou, pelo menos, algumas disciplinas que integram os cursos começam quando começam, às vezes só no 2.º período — sucede que numa boa hipótese as férias grandes duram quatro meses bem contados. Se acrescentarmos as férias do Natal, da Páscoa, do Carnaval, e os feriados, o ano escolar efectivo não andar muito para além dos seis meses.

A preocupação dos tempos livres é hoje — e bem! — um tema muito glosado. Dispendem-se energias de imaginação e verbas na procura de ocupação saudável, construtiva para os ditos tempos. Mas eles são tamanhos que a imaginação não lhes chega facilmente e as verbas têm um rendimento muito diminuto e digno de crítica da parte de quem, com o

seu trabalho, as paga. Se o ano está praticamente dividido a meio entre tempo lectivo e tempos livres, parece que as estruturas que cuidam destes deveriam ter a dimensão das escolares, talvez um Ministério por sua conta, ao menos uma Secretaria de Estado... Era mais uma!

Ora se é certo e bem o cuidado destes tempos, parece mais acertado e melhor reduzi-los a uma justa e conveniente fracção mais modesta do tempo lectivo. Dois meses cheios seriam férias grandes suficientes. Aulas terminadas no fim de Junho; exames arrumados no meio de Julho — dariam (deviam dar!) para organizar o novo ano e abri-lo em meio de Setembro. Afinal os estudantes dos anos de passagem teriam ainda um bónus de quinze dias, enquanto os de anos de exame, preparariam desde meio de Junho as suas provas.

Não imagino o que dirão os técnicos, mas sei à sociedade que, tanto quanto são indispensáveis férias correctamente doseadas, são desgastantes as que vão além. É a história do remédio que cura e do veneno que mata!

Ainda hoje fui abordado por

□ O Victor Dantas foi nosso, deixou de o ser, voltou a sê-lo e hoje não sabemos de quem é. Encontrei-o, há dias, às portas da nossa Aldeia.

— Que é feito de ti? — perguntei.

— A minha mãe pôs-me fora de casa!...

Aos 16 anos trabalha e vive fora de sua casa!

Deixou de ser nosso a pedido da mãe. Voltou a ser nosso a seu pedido, por escrito e pelos maus tratos que levava em casa. Deixou de ser nosso por sua conta e risco. E agora? De quem será este rapaz?

Ele, que era da mãe, teve que ser nosso! Ele, que era nosso, deixou de o ser, passando a ser de ninguém... Riscos de uma liberdade incompreendida e muito cedo querida.

Naquela noite em que nos encontramos, o Victor pediu para dormir cá, pois o comboio era tarde demais. O que dantes lhe assistia por direito, natural, agora é-lhe concedido por favor especial. Como tudo mudou! E ao lado do papel onde escrevo este pequeno e grande episódio, está, por acaso, a folha que diz assim: «Victor Dantas fugiu em 4/1/81». Fugiu dos seus direitos, seus

deveres e da sua Casa! Da outra casa, de sua mãe, ele diz: «A minha mãe pôs-me fora de casa»...

Ele pediu uma noite para dormir e nós oferecemos-lhe os fins-de-semana. Só...

□ Outro Victor — o Victor pequeno — é também tema de hoje. Quando bate à porta aonde estamos, diz logo e apenas isto: «Posso entrar, com licença, se faz favor?...» A gente ri-se... Mas há outros que entram logo sem bater. E a gente ralha.

Ora, naquele dia, o Victor pequeno era refeitoreiro. No vai-vem de seu serviço de bem servir, ele viu uma coisa mal feita na mesa dos mais velhos. Uma terrina com sopa e cascas de fruta lá dentro. Veio protestar com toda a autoridade, contra aqueles estragos! Muito bem! Réus maiores, no tribunal do Victor pequeno. Pergunto-lhe qual a sentença a aplicar: «Um mês sem fruta». Aqui fica o protesto justo da criança contra os estragos dos adultos!...

□ O Félix, mesmo em cima da partida do seu grupo para a praia, viu-se tentado a fazer o que não devia. Pelas sapatilhas e «pontapés na gramática» ficou suspenso! Até ver...

O «Linhas», por não fazer o que devia, outra suspensão também. Um atraso nos direitos pelo atraso nos deveres, foi o castigo. Antes do banho quente da praia, esperemos que lhes faça bem este «banho de água fria». Entretanto, uma voz discordante se levanta: o «Abrunho!» Um pequeno reguila. Aqui vai o seu desabafo de protesto: «Não há direito... A praia não é deles!». Deles — dos chefes — os castigadores. Aqui fica também o protesto do «Abrunho» com sinal contrário ao do Victor pequeno. O nosso mundo de protestos e protestos! Cá dentro, também.

Padre Moura

escolar toda a matéria estava dada; e o 3.º era de revisões e de aplicação em exercícios que davam ao estudante a segurança de dificilmente lhe aparecerem nos exames questões que não tivessem sido já abordadas. Se o pássaro já esteve na mão, porquê se aceita quase como fatalidade que ande fugitivo esvoaçando e se não tenta de novo agarrá-lo?

Julgo que a atitude certa passará pela humildade de reconhecer o em que outros acertaram e de retomar essas certezas comprovadas. Nem por isso faltará campo para experiências e inovações em busca da perfeição, a qual, mesmo que sincera e eficazmente procurada, nunca se esgota nem ultrapassa.

Padre Carlos

16 de Julho

Cont. da 1.ª página

tal de Santo António, do Porto, à derradeira homenagem das camadas sociais mais pobres, do Barredo, ilhas, etc. — os seus Amigos — por quem tanto lutara, a muitos dos quais talvez não houvesse feito nada, materialmente...!

Depois, na igreja da Trindade, foi a despedida, em peso, da cidade Invicta — que tanto amou. Nunca vi semelhante multidão a prestar sincera homenagem a quem serviu o Próximo sem qualquer interesse, a não ser o de fazer o Bem e querer que o Pobre seja menos pobre! As vezes, era difícil segurar o povo... Pela noite fora as pessoas não arredavam pé, todos queriam beijar Pai Américo! Ainda tenho gravadas, na retina, todas as cenas; mas não posso esquecer uma que muito me impressionou: Quase de manhã, perto do corpo de Pai Américo, ajoelhadas a rezar, estavam mulheres da vida, pecadoras como Maria Madalena, que também quiseram dizer-lhe o último adeus!

Pai Américo era — e é — venerado por todas as camadas sociais. Quando andava pelas ruas, o povo quase parava só para ver o Homem bom!

Quando ficava no Lar do Gaiato, no Porto, após a celebração da Missa costumava perguntar: — «Quem quer vir comigo tomar o pequeno-almoço ao meu café?» Um dia, fui. Pensava que fôssemos mesmo a um bom café... Mas ao principiarmos a descer a Rua Mouzinho da Silveira disse: — Não vamos enganados?!... Não famos... O seu café era no Barredo, onde as vendadeiras mitigavam a fome, de caneca em punho e pão com manteiga. Era ali, também, o seu café! Depois, embrenhava-se Barredo adentro («Terra de Heróis, de Mártires, de Santos» — como dizia) em visita aos mais necessitados.

Pai Américo continua conosco. Não morreu. É imortal! Sempre que tenho dificuldades, peço a ele que m'as ajude a resolver; e, graças a Deus, tenho sido atendido. — João Luciano

● Em convivência com o Pai Américo aprendi a amar, sofrer, perdoar e a fazer o Bem. — Abel Braga

● Eis como eu vi e senti Pai Américo, naquele tempo, convivendo com ele dia-a-dia na nossa Aldela de Paço de Sousa:

Era ainda criança e não alcançava certas coisas... Hoje, porém, apego-me a tantos gestos dele e tento compreender.

O que mais me impressionava era quando lhe ajudava a celebrar a Missa e, depois, vê-lo ir pro seu canto e estar ali tanto tempo em segredo! Já naquele tempo de miúdo

tinha a preocupação de não perturbar esse silêncio.

Fui crescendo e fui vendo: a intimidade com o Pai do Céu deu-lhe Força para «... fazer das pedras filhos de Abraão».

Assim dou testemunho; e todos os dias está comigo pela Fé, que fez dele um Homem de Deus ao serviço dos homens. — Ernesto Pinto

● Foi em 1946, com sete anos de idade, que dei entrada nesta Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Tendo perdido meus pais, num espaço de três semanas, quando ainda não contava dois anos de idade, fiquei aos cuidados de minha avó materna, enquanto os meus outros três irmãos, mais velhos, eram entregues a outros familiares.

Para fugir ao perigoso contacto de um tio que tuberculizara, minha avó conseguiu que eu fosse aceite na Casa do Gaiato.

Ainda hoje me espanta a facilidade com que me adaptei e com que passei mesmo a amar esta minha nova Família — a Casa do Gaiato e toda a Obra da Rua. É que, passado o período crítico (meu tio entretanto falecera), minha avó veio para me buscar, para que eu regressasse para junto dela. Recusei-me a ir e minha avó regressou a Coimbra, chorando amargamente.

Entretanto, o tempo foi passando e eu fiz a minha escolaridade normalmente. Fui chefe dos «Batatas», chefe do Lar de Coimbra e maiorial da Casa, em férias; durante muitos anos fui também vendedor do jornal e assumi, na comunidade, muitas outras responsabilidades, procurando sempre, na base duma vida séria, corresponder à confiança que em mim ia sendo depositada. Desde novo habituei-me a ler O GAIATO, sobretudo os escritos de Pai Américo e essas leituras tiveram em meu espírito grande influência. Os contactos que pessoalmente tive com Pai Américo foram sempre muito breves, mas também quase sempre marcantes.

Recordo como eram vividos, em alvorço, os dias em que era esperada a visita de Pai Américo. Famos para o fundo da quinta esperar a sua chegada, em enorme expectativa. Logo que o carro surgia, às vezes com grandes atrasos, era uma gritaria e uma correria atrás dele, até ao largo interior, onde o carro parava, sem que parassem, no entanto, os gritos de vivas a Pai Américo, as saudações e abraços (ao tempo o mais comum era o beijar a mão). Era uma grande festa. Grande e inolvidável.

Mas, o que mais me marcou e, sem dúvida, me moldou o espírito foi a sua doutrina, a sua pedagogia, a mística que imprimiu à sua Obra, sintetizada na máxima: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Ra-

pazes» e que eu pretendo concretizar, ainda que modestamente.

E a formação continuou pelos outros Padres da Rua, sobretudo pelo sr. Padre Horácio que foi o que mais influência teve em mim pelo contacto directo que temos tido até ao presente, desde a primeira hora em que ele veio dirigir esta Casa do Gaiato.

Desde 1964, sou professor na Escola Primária da Casa do Gaiato de Miranda; mas, antes e para além disso, eu me considero, relativamente aos meus alunos, um irmão mais velho e o mesmo, praticamente, se poderia dizer de minha mulher, a Maria Helena, como é tratada pela comunidade.

Portanto, quando menino, eu via em Pai Américo alguém cheio de amor, sobretudo de amor pelas crianças mais carecidas, de quem se tornou um verdadeiro Pai, sendo eu um dos seus filhos.

Hoje, vejo Pai Américo como um homem enviado por Deus, para iluminar a sociedade egoísta, abrindo-lhe horizontes vários para uma vida de mais amor cristão. E Pai Américo dá disso testemunhos múltiplos: é a «martelada» de Deus; é o afirmar-se da Igreja, fiel ao Papa e ao Bispo; são os convites, apelos e solicitações a actos de bondade. Enfim, para aqueles que o conheceram e sobretudo que com ele lidaram de perto, é mesmo um

Cont. da 1.ª página

na, no exemplo edificante de tantos Confrades e Pobres, muitos deles já falecidos, e ajudados pelas provas de muitos e por conselhos avisados de outros, já nos dispúnhamos a encarar de frente a hipótese de procurar Pai Américo e de lhe expormos, de viva voz, as nossas intenções. Eis senão quando, em 16 de Julho de 1956, tendo ido a Coimbra para assistir à exumação dos restos mortais do nosso progenitor, somos ali surpreendidos pela Morte de Pai Américo. Coincidência curiosa que não portadora de causa-efeito na vida dum simples mortal. Os homens são a resultante de vários factores ou componentes familiares e sociais, do ambiente e da educação, do psíquico e do físico, de coisas de que se apercebem ou conseguem detectar e de outras que ficarão sempre na penumbra. Suposta, porém, a nossa própria liberdade, os caminhos de Deus são em grande parte insondáveis. Não temos, porém, dúvidas que o facto de termos conhecido Pai Américo, sem que com ele alguma vez tenhamos falado, foi, na verdade, um marco limiar no desenvolvimento do nosso processo vocacional. Por isso, quando lembramos as «Bodas de Pra-

homem carismático.

A sua pedagogia, ainda hoje, não foi ultrapassada, antes se vai revelando sempre actual. E, se muito se tem dito e escrito de Pai Américo, decerto nunca se terá dito tudo, algum dia, apesar da eloquência da Obra que nos deixou.

E, se mais palavras não tenho para enaltecer a personalidade rara de Pai Américo, procuro, contudo, apesar das minhas muitas limitações e deficiências — através destes últimos dezassete anos de vida, vividos ao serviço da Obra — procuro, dizia, corresponder aos anseios que, em vida, Pai Américo acalentou para os seus filhos: Obra da Rua, de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. — Carlos Manuel

● Aproxima-se o dia 16 de Julho e, com ele, as «bodas de prata» da Morte daquele que foi o Recoveiro dos Pobres — Pai Américo.

Quando se lançou na tarefa, árdua e difícil, de arrancar os rapazes à rua, de conciliar famílias que se desfaziam — pobres que nada possuíam, a não ser fome e miséria — nunca imaginou, com certeza, que pudesse ser bem sucedido.

Não sabia o que o esperava! Muitas portas se lhe fecharam na cara, sem ter podido dizer sequer o que pretendia; muitas vezes o acharam louco; mas os Pobres não: vivia para eles e de Deus vinha a Força e o alento de continuar. Por cada porta que se fechava, dez se abriam!

Aos poucos foi construindo os alicerces de uma grande Família que era — e é — a dos sem-família. E cuja acção está patente nas Casas do Gaiato espalhados pelo País, nas moradias do Património dos Pobres, no Calvário.

Impunha-se uma homenagem

simples dos mais novos — da nova geração — por quem mais trabalhou em Portugal no sentido de que todos possamos ter direito a um lugar na sociedade dos homens — que nos rejel-tou. — Morgado

Perante estes testemunhos tão límpidos — apetece-nos ficar em silêncio... a recordar! Vejo lágrimas em tantos olhos!

Lágrimas de saudade, de muito amor, de gratidão e de esperança no futuro.

Padre Telmo

PROGRAMA

MIRANDA DO CORVO — 16 de Julho, às 19,30 h, celebração eucarística.

TOJAL — 16 de Julho, às 12 h, concelebração eucarística na igreja de Santo Antão do Tojal presidida pelo Arcebispo de Mitilene. Depois, almoço informal.

SETÚBAL — 16 de Julho, celebração eucarística. Dia 19: 9 h, concentração de antigos gaiatos e familiares no Lar do Gaiato cidadão e, depois, seguirão em convívio para a nossa quinta em Algeruz.

PAÇO DE SOUSA — 16 de Julho, às 18 h, concelebração eucarística. Dia 17, às 20 h, chegada da caravana de antigos gaiatos residentes no centro e sul do País. Dia 18: 10,30 h, jogo de futebol entre velhos e novos; 16 h, reunião de trabalho, confraternização e eleição da Comissão de antigos gaiatos para o convívio de 1982; 19 h, oração da tarde; 21 h, actuação do nosso Conjunto musical. Dia 19, domingo: às 9 h, concelebração eucarística; 17 h, despedida de antigos gaiatos e seus familiares.

Aqui, Lisboa!

ta» do passamento de Pai Américo, é justo assinalar a influência importante do seu espírito na nossa vida e, em acção de graças, testemunharmos a Deus gratidão sentida pela participação no Sacerdócio de Cristo que nos foi concedido, nem que sejamos, como tantas vezes dizemos aos nossos Rapazes, um simples padre feito a martelo... Deus seja louvado!

«Fazer de cada rapaz um homem» ou, ainda com Pai Américo, ajudar cada um dos Rapazes a descobrir a sua própria consciência, eis um programa de vida que Pai Américo sugeriu aos responsáveis da Obra. Segui-lo, enquanto a

servirmos ou viver o nosso Sacerdócio como ele o viveu, eis o propósito humilde, na linha do seu exemplo, de quem subscreve estas linhas nem que seja preciso engolir jardins zoológicos inteiros, já que está na moda falar de engolir sapos ou elefantes vivos... Sim, que às vezes, para que os outros possam saborear coisas alegres e apetitosas é preciso escalar degraus silenciosos e dolorosos. Que ninguém se engane, diria Pai Américo!

■ Dia 16 de Julho — Às 12 horas haverá concelebração eucarística na igreja de S. Antão do Tojal, presidida pelo Sr. D. Maurílio, Arcebispo de Mitilene. Seguir-se-á um almoço informal. Venha quem quiser, dos nossos Amigos e antigos gaiatos.

Padre Luiz



Director: Padre Telmo

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa